

# SURYOYE

ܣܘܪܝܘܝܐ

SÃO PAULO - JUNHO/2022

## ORAÇÃO INICIAL

### ORAÇÃO INICIAL 1

### FOI CRISTO ABANDONADO NA CRUZ? 2

### RITUALÍSTICA A ARTE NA IGREJA ARQUITETURA 5

### ENSINAMENTOS DE NOSSOS MESTRES 8

### SECÇÃO DE TRADUÇÃO 15

### TEXTOS EM ARAMAICO 18

#### A Cada Dia

(yaumo dêmen yaumo)

A cada dia,  
prometo Senhor  
que amanhã me arrependo;  
passam os dias e se vão...  
e meus pecados continuam!

Envolve-me com Tua misericórdia!  
Aleulia e aleuia  
e que eu viva por Tua bondade!

[Oração da véspera de sexta-feira. Copiada do *Livro de Orações da Semana Ordinária da Santa Igreja Siríaca Ortodoxa* impresso no Mosteiro de S. Marcos em Jerusalém. 1936.]



Mosteiro de **mor Augen** (santo Eugênio) em Tur Abdin, 40 Km a nordeste de Nissibis na República Turca. Fundado no 4º século do Cristianismo.

ܘܢܝܐ ܘܡܘܨܝܐ ܘܡܘܨܝܐ ܘܡܘܨܝܐ ܘܡܘܨܝܐ  
ܘܡܘܨܝܐ ܘܡܘܨܝܐ ܘܡܘܨܝܐ ܘܡܘܨܝܐ ܘܡܘܨܝܐ

## INFORMATIVO SURYOYE

*Suryoye é um órgão de divulgação interna da Igreja Siríaca Ortodoxa de Santa Maria.*

Artigos - Peter Sowmy  
Revisão - Aniss Sowmy

## IGREJA SIRIACA ORTODOXA

Na Igreja Siríaca Ortodoxa de Santa Maria as missas são rezadas em aramaico e português, aos Domingos às 10h30 na Rua Padre Mussa Tuma, 3, bairro Vila Clementino, São Paulo/SP.

Estamos à disposição para atender os fiéis, telefone (11) 5581-6250.

### ESTAMOS NA WEB

[WWW.IGREJASIRIANSANTAMARIA.ORG.BR](http://WWW.IGREJASIRIANSANTAMARIA.ORG.BR)

FACEBOOK: IGREJA SIRIAN ORTODOXA SANTA MARIA

## FOI CRISTO ABANDONADO NA CRUZ?

Em 22 de abril de 2022, a Igreja de Antioquia lembrou a paixão, morte e enterro de Jesus Cristo. Em português, essa sexta-feira é chamada “Sexta-feira da Paixão”, em aramaico se diz “**erúbto deháxo**” ( *erúbto* = sexta-feira; *deháxo* = da paixão). No ocidente, a semana que vai do domingo de Ramos até o próximo domingo, dia da Ressurreição de Cristo, é conhecida como a Semana Santa. Já no calendário religioso da Igreja de Antioquia, a Semana Santa é conhecida em aramaico por “**xabúo dêhaxo**” (*xabúo* = semana da paixão; *dêhaxo* = da paixão) porém, ela inicia quando termina a Missa do Dia de Ramos (é sempre no domingo) e vai até a alvorada do domingo em que se comemora a Ressurreição de Cristo.

Os fatos que ocorreram naquela sexta-feira em que Jesus Cristo sofreu na mão dos soldados romanos, foi crucificado, morreu e foi sepultado está relatado nos quatro evangelhos, escritos por quatro de seus seguidores e conhecidos em português como: Evangelho de São Marcos, Evangelho de São Mateus, Evangelho de São João e Evangelho de São Lucas. Esses quatro Evangelhos são os livros que deixaram para a posteridade os ensinamentos de Jesus Cristo e sua biografia. Eles compõem, junto com outros dois livros e mais as cartas deixadas por parte dos discípulos de Jesus e as cartas deixadas por um apóstolo que não viveu com Cristo, o que a Igreja de Antioquia chama de Novo Testamento (em aramaico se diz: **diatiqi hedato**),

Neste momento, o discurso que

nos interessa é o ocorrido entre a crucificação de Jesus e Seu final trágico sobre a cruz. Para melhor compreensão do que será dito, vamos lembrar também do que a Igreja de Antioquia aceita tradicionalmente, em relação à composição dos quatro Evangelhos.

É tradição da Igreja de Antioquia olhar as composições e estabelecer a historicidade das mesmas, isto é a origem e destino das mesmas; assim, tradicionalmente, a Igreja crê que dos quatro Evangelhos três foram compostos no idioma grego e um em aramaico. Os três que teriam sido compostos em grego são os Evangelhos de S. Marcos, S. João e S. Lucas enquanto que o Evangelho de S. Mateus teria sido composto em aramaico.

Quais os indícios que levaram a essa conclusão?

Temos três indícios diferentes aqui.

Primeiro indício: S. Lucas, não acompanhou Jesus por toda sua trajetória, pois tinha seu trabalho remunerado, era médico, possivelmente até médico do governador da Província Romana da Síria cuja capital era Antioquia. Quando S. Lucas escreveu seu relato, escreveu-o ao então governador da Síria, cujo idioma de sabedoria era o grego (os romanos acreditavam que o latim que era a sua língua popular não continha todo o saber, isso, no ocidente. O idioma que o continha esse saber era o idioma grego). Observemos que a continuação do relato escrito por S. Lucas é o Livro conhecido por Atos dos Apóstolos, no qual o autor diz que escrevera o anterior (o Evangelho). Também este último, Atos dos Apóstolos, fora diri-

gido à mesma pessoa e por isso, escrito em grego.

O segundo indício é que S. Marcos fora ao Egito cuja capital na época era Alexandria e lá no Egito, tudo havia se transformado em grego, apesar de o povo ainda falar o idioma egípcio antigo. Observemos que o povo, no entanto, desde milênios era considerado escravo das elites (faraós, reis, governadores, militares em comando, sacerdotes) e a maioria do povo não sabia ler e é bem possível que ninguém se importasse com essa maioria; entre as diversas inovações que o cristianismo trouxe aos povos, essa foi uma; ou seja: o povo era importante!. Lembremos ainda que os judeus que moravam no Egito, haviam traduzido o seu Testamento ao idioma grego (os judeus chamam de “*tanakh*” – os cristãos chamam de **Antigo Testamento**), Diversos livros compunham esse Testamento e eles os levaram consigo, da Judéia ao Egito, em idioma aramaico, havia quase 300 anos. A tradução deles ao grego é o que se conhece como “Versão Septuaginta” ou “Versão dos Setenta” e isso ocorrera havia 300 anos no tempo em que Jesus nascera, pois, raros eram os judeus que ainda entendiam o idioma aramaico (o hebraico, somente o povo de Jerusalém entendia e praticava por causa do Templo e dos sacerdotes, o resto do povo, por toda Judéia, desde 700 anos antes de Cristo somente entendia o aramaico).

O terceiro indício era que também S. João escreveu seu livro (Evangelho de S. João) aos habitantes da Ásia que naquela época compreendia somente os

## FOI CRISTO ABANDONADO NA CRUZ?

(CONTINUAÇÃO)

locais em que haviam se estabelecido os jônios (é o nome com que se conhecem os gregos no Oriente). Esse pedaço da Ásia é hoje parte da Turquia e é conhecida geograficamente por Ásia Menor. Claro está que S. João teria então escrito em grego para que os habitantes da “Ásia” entendessem.

Finalmente, segundo a tradição histórica da Igreja, S. Mateus foi o único evangelista a escrever na “língua franca” da época, o idioma aramaico, isto é, S. Mateus escreveu na língua que todo o povo entenderia e isso considerando desde o norte da África, passando por todo o Oriente Próximo e Médio, a Mesopotâmia até chegar onde hoje é o Baluquístão e naquela época fazia parte da Índia, na verdade, a parte da Índia conquistada por Alexandre da Macedônia e que passara ao domínio de Roma (tal como todas as outras regiões do domínio de Alexandre da Macedônia).

Existe um quinto indício para a Igreja de Antioquia que prova a verdade de tudo isso acima explicado e isso ocorre porque o idioma oficial da Igreja de Antioquia é o idioma aramaico, conhecido como siríaco.

A versão dos Evangelhos que a Igreja de Antioquia usa, desde os primeiros séculos da existência dessa Igreja é a versão chamada de Pexita (significa “simples” em aramaico). Nessa versão Pexita, tudo é relatado em aramaico e assim, podemos verificar o que foi traduzido e o que foi escrito originalmente para quem entende aramaico, isto é, foi escrito em aramaico pois, não está explíci-

to que “tal nome” ou “tal frase” quer dizer “assim, assim”. Vejamos pelo menos um exemplo onde não se conhece algo e o autor do Evangelho nos passa esse conhecimento:

Em Mateus, capítulo 27 versículo 33, lemos em português: “E, chegando ao lugar chamado Gólgota, que se diz: Lugar da Caveira...”; já em aramaico está escrito: “E, chegando ao lugar chamado Gogületa, que se traduz Caveira...”. Por que a tradução de uma palavra especificamente? Porque a palavra Gogületa é hebraica (era um local muito próximo de Jerusalém) e na verdade é “golegület” e quem não sabia hebraico não perceberia que existia um significado pois essa palavra não existe em aramaico, em aramaico existe a palavra “qarqafto” que significa “caveira”. Observemos que isso se repete no Evangelho de S. Marcos capítulo 15, versículo 26 e no Evangelho de S. João capítulo 19 versículo 17, mas no Evangelho de S. Lucas (capítulo 23 versículo 33) não existe essa tradução, ele chama diretamente o local por “caveira”, sem dizer como seria em hebraico. A Igreja supõe que S. Lucas não estava preocupado com muita explanação ao governador, somente com o relato em si.

Vejamos agora outro exemplo que está em idioma aramaico: **Talita Qümi**,

Esse é um caso que se tornou o oposto dos outros; diz respeito à ressurreição da filha de um líder judeu que ocorre a Jesus por socorro. Ao conseguir falar com Jesus, um empregado

do seu lhe dá a notícia da morte de sua filha. Mesmo assim, Jesus vai com seus discípulos onde se encontra a moça, filha desse líder judeu. Jesus pega na mão dela e profere as palavras: “**talita qümi**” e a moça se levanta imediatamente, viva e curada. “**talita qümi**” é uma expressão do aramaico. A moça que atinge a adolescência mas ainda não casou e está na casa de seu pai é chamada por “**talita**” (que é o feminino de “**tálio**”); a palavra “**qümi**” é a forma feminina singular do imperativo do verbo “**qüm**” que significa levantar; assim, a expressão “**talita qümi**” significa “moça levanta” ou “ressuscita moça” (em aramaico, somente a 2ª pessoa do singular ou a 2ª pessoa do plural é que admite um imperativo; no pensamento dos assírios, fenícios e outros que falavam e falam até hoje o idioma aramaico, não é possível dar uma ordem a uma pessoa ausente que seria a 3ª pessoa do verbo, assim como não se admite uma ordem a si mesmo, que seria a 1ª pessoa; na 1ª e na 3ª pessoa, o que se expressa é somente uma vontade, não uma ordem). Após toda essa explanação verbal sobre a expressão: “**talita qümi**”, vemos que os Evangelhos de S. Marcos (capítulo 5-versículo 41) nos dá a tradução da expressão usada por Jesus. Já o Evangelho de S. Lucas, seguindo a tradição de somente relatar o fato, sem qualquer referência ao original, coloca diretamente a tradução (sem qualquer explanação de qual seria o original). S. Mateus, porém, (capítulo 9 versículo 25) simplesmente relata o episódio, pois escreve em aramaico e todos que o lessem entenderiam

## FOI CRISTO ABANDONADO NA CRUZ?

o significado da expressão “*talita qūmi*”. Isso tudo vemos na versão de português. Na versão Pexita temos a mesma forma de relatar e lembramos que a Pexita é escrita em aramaico.

Vamos agora ao nosso problema. “**Foi Cristo abandonado na Cruz?**”. Teria Deus-pai abandonado Deus-filho na Cruz?

Esse questionamento provém da leitura dos Evangelhos de S. Marcos (capítulo 15 versículo 34) e de S. Mateus (capítulo 27 versículo 46) nos idiomas ocidentais; S. Lucas e S. João somente relatam o ocorrido sem qualquer comentário que levasse a essa conclusão.

Lendo então esses dois Evangelhos, em idioma português, vemos:

(S. Marcos) - “E, à hora nona, Jesus exclamou com grande voz, dizendo: **Eloí, Eloí, lamá sabactâni?** que, traduzido, é: **Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?**”

(S. Mateus) - “E perto da hora nona exclamou Jesus em alta voz, dizendo: **Eli, Eli, lamá sabactâni**; isto é, **Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?**”

No entanto, a leitura destes mesmos Evangelhos, em aramaico, numa tradução livre ao português daria:

(S. Marcos) - “E, à hora nona, Jesus exclamou com grande voz, dizendo: **Il Il lama sabactani**. que é: **Eloi Eloi lama sabactani**.”

(S. Mateus) - “E perto da hora nona exclamou Jesus em alta voz, dizendo: **Eli, Eli, lama sabactani**.”

Cabem aqui algumas observações:

1) Nos códices antigos de aramaico não havia qualquer pontuação assim, era pelo contexto que se sabia se se estava afirmando ou negando ou questionando algo;

2) A continuação dos versículos traduzidos de ambos Evangelhos indicava que o povo local (= de Jerusalém) que crucificou Jesus não se preocupava em entender o idioma aramaico (a “língua franca”) e era fanático em seu modo de ver, eles imaginavam que Jesus estava chamando o profeta Elias; eis a continuação desses mesmos relatos feitos pelos mesmos dois evangelistas:

(S. Marcos) - “As pessoas que ouviram diziam por Elias está chamando”.

(S. Mateus) - “Algumas pessoas que lá estavam presentes diziam Está chamando Elias”.

3) Tanto S. Marcos como S. Mateus não se referem a “abandono” ou “desamparo” em aramaico (na versão Pexita. S. Marcos traduz de um dialeto aramaico falado na Galiléia ao idioma aramaico clássico e S. Mateus nada traduz pois quem entende o aramaico clássico entenderia também o dialeto da Galiléia).

Agora farei um breve relato do que nos ensinou meu pai, a meus irmãos e a mim.

Quando aprendíamos as leituras do Novo Testamento, meu pai dizia que a tradução estava errada; deveria ser: “**meu Deus, meu Deus para isto me preservaste**” e complementava com uma pergunta que ao mesmo tempo era

um comentário: “**qual pai abandona seu filho? então como Deus-pai abandonaria Deus-filho, se é o mesmo Deus?**”; claro que isso tudo ele comentava em siríaco que é o aramaico.

Bem, esses comentários foram feitos por volta de 1960. Dez anos depois, coincidiu de eu ler um livro de gramática de hebraico de um grande mestre alemão, Wilhelm Gesenius; na tradução de um professor inglês: A. E. Cowley; tratava-se do livro chamado “Gesenius’ Hebrew Grammar”. O importante é que nele havia uma análise profunda de sentenças, com olhar especial para “*Tipos Especiais de Sentenças*” e lá, o autor fazia um comentário sobre o uso de “**lama**”. Dizia mestre Gesenius (na tradução ao inglês):

“Of very frequent occurrence also are questions introduced by **lama**, which really contain an affirmation and are used to state the reason for a request or warning, e.g. 2S2-22 ... turn thee aside.... wherefore should I smite thee to the ground? i.e. otherwise I will (or must) smite, etc.”

e isso traduzido ao português teríamos:

“De ocorrência muito frequente também são as perguntas introduzidas por **lama**, que realmente contêm uma afirmação e são usadas para indicar o motivo de um pedido ou aviso, por exemplo. 2º Livro de Samuel capítulo 2 versículo 22: *vira-te para o lado .... por que devo*



## RITUALÍSTICA - A ARTE NA IGREJA SIRÍACA ORTODOXA DE ANTIOQUIA (CONTINUAÇÃO)

guidade vai somente a 1.500 anos antes de Cristo enquanto que as ruínas dos templos da Mesopotâmia são 1.000 ou 1,500 anos mais velhos.

Na verdade um **“zigürate”** era formado por diversos andares (calcula-se que o da Babilônia teria sete andares) e cada andar era um quadrilátero; com outra característica importante: cada um desses quadriláteros tinha por base o andar debaixo e a base ocupava uma área menor do que toda a área inferior, assim, cada andar tinha dimensões menores que o andar inferior.

Para quem olhasse de fora veria uma torre que ia se “afinando”, com diversos andares onde a divisão de um andar para outro era bem distinta. Além disso, cada andar, como dissemos, era “quase retangular”, na verdade, hoje seria classificado como trapezoidal ou o que se classificaria em matemática volumétrica como “tronco trapezoidal”.

Essa torre não era como as egípcias, uma pirâmide, isto é, não acabava numa ponta superior bem fina em relação à base. Essa torre era chamada de **“zigürate”** que é uma palavra acadiana (semita) que significa “entrelaçada” (no idioma moderno, o siríaco ou aramaico a letra “g” é substituída por “q” e se diz **“zeqirto”**, e escreve-se: (مقيرت). Observemos que olhando de fora, até uma certa distância, veríamos um entrelaçamento entre um andar e outro.

Claro que havia **“zigürates”** com menos andares; simplesmente citamos o da Babilônia pois é uma referência do livro da Gênese do Antigo Testamento (Gen. cap. 11 – vers. 1 a 8); de interesse aos cristãos. Os judeus quando foram cativos em Babel, não conheciam torres elevadas e ao escreverem esse livro, Gênese, pensaram que os babilônios queriam alcançar o Céu onde morava Deus.

Outra característica do **“zigürate”** é que essa torre sempre tinha 2 andares no mínimo. Assim, num **“zigürate”** de 2 andares cobertos, o andar térreo (que tinha por base o res-de-chão) era destinado a ser o celeiro do local (cidade ou fortaleza) e o andar superior era destinado à residência do(s) sacerdote(s) bem como ao templo dos sacrifícios, enquanto que a laje superior que era descoberta era um “planetário” onde o sacerdote fazia suas observações astronômicas e depois as dava como forma de oráculo astrológico ao povo ou ao governo (ou rei) ou ainda à corte do governo.

Se o **“zigürate”** possuísse 3 ou mais andares, o andar térreo era sempre reservado como estábulo aos animais de montaria ou que puxassem as carruagens dos sacerdotes ou dos governantes enquanto que os andares superiores respeitavam o descrito acima.

Outra característica interessante, isso olhando a ritualística do sacerdote e **zigürate** é que os leigos (povo, soldados, governantes) isto é, os não sacerdotes, não entravam no zigurate. Isso passou também aos judeus quando cativos, ninguém podia entrar no “lugar mais santo”, no lugar onde eram feitos os sacrifícios<sup>1</sup>.

Olhemos agora os materiais utilizados e as técnicas de construção de um **“zigürate”**.

Um **“zigürate”** era sempre construído sobre um monte. No norte da Mesopotâmia que é uma região montanhosa, encontrar um monte próximo à fortaleza ou à cidade, não apresenta problema. Já no sul da Mesopotâmia que era uma região de planície (assim como em outras regiões vizinhas como Homs na Síria, por exemplo), o monte era construído artificialmente com pedras trazidas das rochas do norte cobertas e completadas com terra molhada e quando essa secava, endurecia e formava uma plataforma única. Essa plataforma que era o res-de chão novo, em geral tinha a altura de um andar que em princípio tinha dez a quinze metros de altura. Desses quinze metros, os dois metros inferiores eram encrustados dentro da terra (do chão local, da planície, sem pedras).

O firmato básico, já vimos que segue o de Göbekli, ou seja, um andar é formado por colunas e no centro há outras colunas menores onde eram oferecidos os sacrifícios, com a diferença que as colunas externas do **“zigürate”** faziam parte das paredes e sobre elas era construída uma laje. Aí está uma diferença em relação à pirâmide egípcia. Enquanto que a pirâmide joga a força sobre a terra (são os pesos das paredes que são jogados sobre a terra em que as próprias paredes são os vetores peso) no **“zigürate”**, a laje precisa de sustentação horizontal que jogaria o peso da laje sobre as colunas laterais.

Para resolver o problema apresentado pela laje horizontal, os acadianos (assim como os assírios e babilô-

## RITUALÍSTICA - A ARTE NA IGREJA SIRÍACA ORTODOXA DE ANTIOQUIA (CONTINUAÇÃO)

nios e depois, todos os povos do Oriente) usavam arcos que nasciam do chão e cujo ápice sustentava a laje. Com isso os povos do Levante resolveram um problema de engenharia civil qual seja, sustentar uma laje paralela ao chão. O “**zigürate**” de Ur tinha uma laje de área aproximada de 370 metros quadrados (as medições dos arqueólogos nos fornecem as seguintes medidas: 17,5m x 22,3m).

Além disso, havia uma característica marcante, um “**zigürate**” tinha os quatro cantos coincidentes com os pontos cardeais (lembramos que os sacerdotes eram também astrônomos).

Outro problema de engenharia que os acadianos resolveram foi a construção de um arco. Enquanto que numa pirâmide trabalha-se com linhas retas, no arco temos uma curva. As paredes da pirâmide, por serem linhas retas, utilizavam tijolos com cortes retos. Já um arco, por ser uma curva, precisa de tijolos com cortes diferentes. Essa curva era construída com tijolos secos ao sol (depois seria utilizado o forno de alta temperatura e então os tijolos eram queimados no forno) e tinham formatos diversos, desde cubos retangulares (dimensões aproximadas de 17,5 cm x 17,5 cm x 15 cm) até cunhas piramidais com dimensões laterais iguais aos do cubo porém acabavam em forma pontiaguda. Com isso, os acadianos montavam as feiras dos arcos fazendo as combinações para que entre um tijolo e outro ficasse o menor espaço possível e como sobriam espaçamentos entre os tijolos de uma mesma feira ou em relação à feira de cima, eles preencheriam esse espaço com argamassa que era (quase sempre) lodo que secaria no próprio local (às vezes até bitume). Além de um bom fechamento dos espaços, resolvia-se também o problema de vedação da edificação.

Outro problema de engenharia civil resolvido pelos acadianos (lembramos que mais tarde eram chamados de assírios pois, habitavam a parte montanhosa da Mesopotâmia, tal como os assírios, seus sucessores) foi o contraforte das paredes. Observando os **zigürates**, os arqueólogos descobriram que havia diversos contrafortes nas paredes e isso seria necessário pois, sendo tudo feito de barro seco, quando chovesse, facilmente um templo ruiria ou uma fortaleza poderia ser invadida enquanto que com o contraforte, a parede poderia se sustentar, e, para que isso pudesse ocorrer, nas edificações dos assírios, a partir do 13º século antes de Cristo, os tijolos possuíam ranhuras por onde escorreria a água.

Ainda com relação às introduções feitas pelos mesopotâmicos, é necessário citar que também havia em cada casa ou fortaleza ou templo, pelo menos um rolete grosso de pedra que era oco em seu centro, como um barril sem tampa e sem fundo, e em seu interior passava uma moldura em forma de **U** feita de madeira que servia para rolar o barril no chão de cada andar a fim de nivelar o mesmo em caso de entrada e sobra de água acima da capacidade de absorção das canaletas nos tijolos.

Finalmente, como os assírios (desde os tempos antigos conhecidos por acadianos) faziam arcadas para sustentar um teto, sobre a curva de cada arco que era construído, preenchiam o vazio entre o arco e a tangente que passaria pelo ápice do arco com argamassa feita de lodo misturado com gravetos finos de galhos de árvores que eram deixada secar por um tempo.

Como foi tudo isso utilizado pelos povos do Oriente quando entraram no Cristianismo?

Os **zigürates** deram lugar a duas formas arquitetônicas diferentes, durante o cristianismo. A primeira<sup>2</sup> foi o templo cristão, a edificação que chamamos por **igreja**. Vemos que a **igreja** tem um formato e um direcionamento. O formato é quase sempre um poliedro, não mais trapezoidal porém retangular. Há que se atentar ao fato que o observatório astronômico na antiguidade e que ficava no teto do **zigürate**, passou a ser um campanário que ficaria na parte anterior da igreja. A função passou de observar os astros com a finalidade de fornecer uma previsão ou “profecia” a alguém, para uma instalação de sino que chamaria os fiéis para que se reunissem e fizessem a oração a Deus; mesmo assim, o **zigürate** teria somente o andar res de chão que seria ocupado pelos fiéis.

Nesse ponto faremos outra observação. Na antiguidade, até o tempo de São Tiago de Edessa, somente os crentes em Cristo entravam e ficavam no interior da igreja; os catecúmenos, os que não haviam sido batizados, apenas assistiam a uma parte das orações e se retiravam do recinto. O sacerdote então oferecia o sacrifício que no cristianismo é o pão e vinho enquanto que no paganismo seriam os animais sacrificados. Outra observação é que o **zigürate** tinha seus quatro cantos alinhados pelos pontos cardeais enquanto

## RITUALÍSTICA - A ARTE NA IGREJA SIRÍACA ORTODOXA DE ANTIOQUIA (CONTINUAÇÃO)

que na *igreja* não, o que é orientado é o altar que deve sempre deixar o sacerdote, os diáconos e o povo, quando em oração e oferenda, olhar o Éden por onde correm os rios Tigre e Eufrates (Gen. 2:14).

Para separar o sacerdote do povo, em determinados momentos da missa na igreja, utilizam-se as cortinas, a partir de São Tiago de Edessa (8º século)<sup>3</sup>.

Por causa da evolução das técnicas construtivas, a arcada dianteira ao altar, muitas vezes era deixada com formato curvo, assim, havia sobre o sacerdote e diáconos um domo ou um semi-domo. Dessa forma, a voz do sacerdote ou dos cantores poderia ecoar por todo o recinto e o mais distante (lembramos que naquela época não havia amplificação eletrônica de som porém, havia o domo ou semi-domo que dariam uma amplificação natural ao som).

Quanto ao campanário, os arqueólogos acreditam que até o século oitavo do cristianismo, um diácono subia, por meio de uma escada colocada internamente (ou escadaria construída para esse fim) e que no seu final havia uma plataforma donde convocava os fiéis às orações. Após esse século, por influência do islamismo que estava tomando forma que distanciava do cristianismo, a igreja passou a instalar sinos nos campanários.

Até aqui, quem conhece o islamismo que para os cristãos parecia ser uma forma desviada do cristianismo ortodoxo, pode perceber donde provém os costumes islâmicos de um “muezzim” subir no minarete (é a torre da mesquita) e convocar os demais muçulmanos à oração bem como a orientação da “*qibla*”<sup>4</sup>.

A segunda forma foi o que se conhece em siríaco (aramaico) como **estuno**<sup>5</sup> e que é a forma diminutiva do substantivo **estuo** que é um termo grego utilizado pelos cristãos que falam aramaico, que significa: “terraço, varanda, alpendre, pórtico” e em português, utiliza-se a derivação grega *stylos* que significa coluna, suporte.

**Estuo** era uma coluna alta que terminava numa plataforma sobre a qual um pregador ficava em meditação e oração a Deus e depois dava preleções às pessoas que estavam passando pelo **estuo** e que muitas vezes paravam e ouviam o pregador. Os pregadores cristãos foram conhecidos nos estudos de história por *estilitas* e da Mesopotâmia e cercanias essa maneira de pregar foi adotada pelos cristãos da Ásia Menor que depois formou o Império Bizantino.

Entre os siríacos surgiram pregadores famosos por ficarem dias em suas plataformas meditando, orando e pregando em alta voz como: *Simão o estilita*, *Josué o estilita* etc.

O *estilita* recebia água e alimentos (só de abstinência e em geral eram somente frutas e vegetais crus) de pessoas que se tornaram seus adeptos. Também carregavam para ele, esses adeptos, lá para cima, onde o *estilita* estava, seus códices que ele copiara dos *Evangelhos* ou de algum outro mestre como *Efrem de Nissibis*, *Tiago de Serug* etc, assim, quando não estava pregando ou meditando, estava enriquecendo seu espírito com sabedoria dos antepassados.

### Observações:

<sup>1</sup> <https://www.timesofisrael.com/ancient-temple-mount-warning-stone-is-closest-thing-we-have-to-the-temple/>

(acesso em 17 de junho de 2022)

<sup>2</sup> não se sabe se foi ou não a forma primeira realmente a ser adotada pelos cristãos.

<sup>3</sup> sobre a cortina na igreja v. **Suryoye** nr. 73 in:

<https://sirian.igrejasiriansantamaria.org.br/relacao-dos-jornais-suryoye-2/>).

<sup>4</sup> sobre a *qibla*, foi feita uma descrição em **Suryoye** nr 49 in:

<https://sirian.igrejasiriansantamaria.org.br/relacao-dos-jornais-suryoye-2/>). Dan Gibson que é um arqueólogo moderno e que mais estudou as *qiblas* originais dos muçulmanos (consultar: **Early Islamic Qiblas** ).

<sup>5</sup> Jessica Payne-Smith in **A Compendious Syriac Dictionary** ..

## Palavras da Bíblia

**E** acontecerá que, quando alguém ainda profetizar, seu pai e sua mãe lhe dirão: Não viverás\*, porque falaste mentira em nome do Senhor Deus; e seu pai e sua mãe, que o geraram, o traspassarão quando profetizar.

**E** naquele mesmo dia os profetas se envergonharão, cada um da sua visão, quando profetizarem; nem mais se vestirão de manto de pelos, para mentirem.

**E** dirá: não sou profeta, porém homem que lavra a terra; porque alguém me ensinou a zelar\*\* desde a minha mocidade.

*Livro do Profeta Zacarias - capítulo 13<sup>o</sup>*

observações:

\*em aramaico significa: "morra!"

\*\* subentende-se: zelar pela terra.

### *Ensinamentos de Nossos Mestres*

Nosso tempo é como somos

E a nós se assemelha a geração presente\*

Os ricos gostam da ambição

E os miseráveis, da mentira

Tal como serpente que devora seu companheiro

Devoram as pessoas uns aos outros

E não percebem que o julgamento divino\*\*

Está bem à sua frente!

**Observações:**

\*geração presente = tempo atual

\*\*julgamento divino = fim, final

[Tradução livre de uma oração matutina de sábado do Livro de Orações da Semana Ordinária da Santa Igreja Siríaca Ortodoxa impresso no Mosteiro de S. Marcos em Jerusalém. 1936]

## Significado de Nome

**Josué**, nome de homem. Esse nome é muito comum no Ocidente e também entre os cristãos de Oriente. Já foi muito comum também entre os judeus. Aparece pela primeira vez no Velho Testamento. Nesse relato, era o sucessor de Moisés e foi ele quem acabou encaminhando os israelitas pelo deserto do Sinai até chegarem a Canaã.

Nas línguas semitas (aramaico é uma delas) o nome **Josué** tem a mesma grafia que **Jesus**, Enquanto **Josué** é conhecido por **Josué Filho de Nun**, Jesus é conhecido como **Jesus o Galileu**.

Em aramaico **Josué Filho de Nun** se diz: *iexú bar nun* enquanto que **Jesus o Galileu** se diz: *iexú galiloio* No relato bíblico, o nome original do sucessor de Josué era *huxá bar nun* (nas versões ocidentais, ou seja, grega e latina, está como “Oséias filho de nun”) e Moisés renomeou essa pessoa com o nome de Yexú (nas versões ocidentais está como Josué). *huxá* significa “ele salvou” já Yexú (Jesus) significa “**Deus Salvará**” o que quer dizer que o “**Salvador é Deus**”.

Vale prestar atenção para outro fato; **nun** é um termo acadiano (o original era “**nunu**”) que entrou no aramaico (síriaco) como **nun** e significa “peixe”. Em hebraico que deveria ser o idioma de Moisés quando saiu do Egito e perambulou com os israelitas pelo deserto do Sinai, junto com eles estava **huxá** (ou **Josué**), “peixe” se diz **dag** e não **nun**. Também o termo **bar** (= filho) é um termo em aramaico; em hebraico se diz **ben**. Isso levou os pesquisadores a acreditarem que o **Antigo Testamento** somente fora escrito quando os judeus saíram do cativeiro da Babilônia, onde se falava e escrevia o idioma aramaico.

*Leitura recomendada: Livro de Números – capítulo 13º*

## Palavras da Bíblia

Então abriu-lhes a mente para compreenderem as Escrituras. e disse-lhes: Assim está escrito, e assim convinha que padecesse o Cristo, e que ressuscitasse dentre os mortos ao terceiro dia, E que se pregasse em seu nome o arrependimento para a remissão dos pecados, em todas as nações, e o começo fosse por Jerusalém. E destas coisas sois vós testemunhas.

E eis que sobre vós envio a promessa de meu Pai; ficai, pois, em Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder. E levou-os fora, até Betânia; e, ergueu as suas mãos, e os abençoou. E aconteceu que, enquanto os abençoava apartou-se deles e ascendeu ao céu.

Eles, porém, adoraram-no e retornaram a Jerusalém com grande júbilo.

*Evangelho de S. Lucas - Capítulo 24º*

## NOTÍCIAS DO BISPADO

Em mais uma visita à Igreja de Campo Grande (MS), S. Emca. Mor Severios Malke, Arcebispo da Igreja Sirian Ortodoxa no Brasil, viajou em 19 de maio bem de tarde e cumpriu uma agenda especial em Campo Grande, capital do estado de Mato Grosso do Sul.

No dia seguinte, foi S. Emca. Foi recepcionado pelo Cura-Episcopo Antonio Nakkoud, pároco da Catedral São Jorge, quando discutiram diversos temas que dizem respeito à igreja de Mato Grosso do Sul e Mato Grosso. Entre eles, foi levantado o problema de incremento de interesse dos descendentes dos primeiros imigrantes com relação à tradição, costumes e presença na comunidade e na igreja, pelo menos em dias festivos da Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia, a visibilidade da comunidade nos estados do Brasil onde há descendentes e igrejas e a cerimônia de ordenação de diáconos.

No domingo, 22 de maio, pela manhã, S. Emca. Mor Severios Malke, celebrou a Missa Solene que iniciou às 10 horas (horário de Campo Grande), na Catedral de S. Jorge, em Campo Grande. Na missa S. Emca foi auxiliado pelo Cura-Episcopo Antonio e diáconos da Catedral.

À tarde, ainda no mesmo domingo, S. Emca. Mor Severios ordenou 4 diáconos. Elevou: João Carlos Anache, Diogo Anache Casagrande, Jacob Dolabani de Castro e Jean Sami Chammou do grau de “**mezamerono**” que é o degrau de iniciante para o grau de “**qoruyo**” que é o grau de quem está aprendendo a interpretar a Bíblia em aramaico (siríaco) e que já usa a estola durante a missa (essa estola chama-se em aramaico: **huroro**) em formato de cruz deitada atrás (forma da letra “x”) e reta em frente (forma da letra “u” invertida) que também pode ser na forma de cruz deitada tal como a de trás. O **huroro** quando usado pelo **qoruyo** tinha a conotação de armadura dos soldados da antiguidade (desde o tempo dos assírios, em 1.500 a.C, aproximadamente, que começaram seu uso no Oriente) pois os **qoruye** (plural de **qoruyo**) tinham também o dever de defender a igreja se os não-cristãos, que atacavam as igrejas constantemente, no início do cristianismo, conseguissem passar pela linha dos defensores (que eram um degrau acima dos **qoruye**). Além desses 4 **qoruye** ele iniciou no diaconato 2 meninos como **mezamrone** (plural de **mezamrono**) eram eles: Jorge Michel Sleiman e Nicolas Michel Sleiman. Também nessa cerimônia de ordenação de diáconos, S. Emca. mor Severios foi auxiliado pelo Cura-Episcopo Antonio Nakkoud. Ao término da cerimônia, o condutor da cerimônia (bispo ou patriarca) escreve o nome das pessoas ordenadas no seu livro de cerimônias, com a respectiva data e local onde ocorreu a cerimônia, isso como testemunho da realização da cerimônia e certificação da ordenação dos diáconos. A cerimônia de ordenação é uma cerimônia muito antiga, realizada em aramaico (siríaco) e teve seu início no início do cristianismo.

Na terça-feira, 23 de maio, cumprindo a agenda pré-estabelecida, S. Emca mor Severios e Cura-Episcopo Antonio Nakkoud foram recepcionados por S. Exca. O cônsul do Líbano em Campo Grande, com quem almoçaram e discutiram a política da comunidade.

No dia seguinte, ainda houve novo encontro entre S. Emca. Mor Severios e Cura-Episcopo Antonio Nakkoud, quando discutiram o resultado da visita Episcopal.

Na quinta-feira, 25 de maio, S. Emca. mor Severios retornou à sede Episcopal em São Paulo.

## NOTÍCIAS DO BISPADO

(CONTINUAÇÃO)

### *Catedral de S. Jorge*

(Antes da Missa Solene)



### *Catedral de S. Jorge*

(S. Emca. e Cura-Epíscopo em foto histórica com diáconos que foram ordenados)



## ***Igreja Sirian Ortodoxa Santa Maria***

**ሥነ ሥነ ጥናት ጥናት ጥናት ጥናት ጥናት  
ጥናት ጥናት ጥናት ጥናት ጥናት**



***Nossa Igreja Santa Maria completou 41 anos em 14 de junho. Foi há 41 anos que Patriarca Zakkai J abençoou a edificação e a consagrou a Deus.***

Elevemos uma prece aos fundadores pela ideia de reunir o povo em torno de Deus na

***Igreja Santa Maria.***

Parabéns aos descendentes dos fundadores, ao Conselho Deliberativo e à Diretoria Executiva.

***Igreja Santa Maria.***

## **FESTIVIDADES DO 4º BIMESTRE DE 2022**

Destacamos a seguir algumas festividades religiosas que marcam o cristianismo sendo que algumas, a nossa Igreja Siríaca de Antioquia lhas dá ênfase maior que as co-irmãs Igrejas do Ocidente. Em geral, acompanham-nos nessa ênfase a Igreja Copta (Egito), a Igreja Abexim (Etiópia) e as Igrejas da Índia pois, as Catedras Copta e Siríaca sempre compartilharam os mesmos princípios e dogmas; já a Igreja Abexim é fruto da pregação Copta enquanto que a Igreja Armênia e as Igrejas da Índia, o são da Igreja Siríaca.

Em nosso Calendário, temos diversas comemorações, em especial os seguintes eventos que se destacam:

Julho		Agosto	
Dia	Comemoração	Dia	Comemoração
03	S. Tomé (discípulo e Apóstolo)	06	Transfiguração de Jesus no monte Tabor
13	S. Silvanos (S. Silas).	10	Começa o Jejum de N. Sra. Virgem Maria
15	S. Kiriakos (S. Ciríaco) e sua mãe Santa Júlia	15	Assunção da Virgem Maria, Mãe de Deus.
17	Santa Marina (Santa Margarete) mártir de Antioquia (sec. 4º)	17	S. Sobo da Pérsia (mor Afrahat)
20	Santo Hadebexabo (S. Domingos)	18	S. Filoxinos de Mabug
29	S. Tiago Baradeus	21	Santa Bessa e seus filhos (Edessa sec. 4º)
30	S. BarHebraeus (sec 13º)	31	S. Gabriel de Kartmin (sec. 7º).

## SECÇÃO DE TRADUÇÃO

## [TRANSLATION SECTION]

[This text is a re-compilation from the text that appeared in the edition of Suryoye number 69, issued in December / 2014 in the section *Cultura Oriental* (=Eastern Culture). The 2nd part was published in number 70 and we will publish it in our number 114 ].

### ***The Tree of Life and the Serpent in the Bible***

After the account of the Creation of the World in a single chapter, the Book of Genesis, in its two subsequent chapters gives us an interesting story. Here is part of that story

#### **Genesis chapter 2**

*And the Lord God commanded Adam, saying, Of all the trees of Paradise you shalt eat,*

*And of the tree of the knowledge of good and evil you shalt not eat; for in the day that you eat thereof, surely you shall die.*

#### **Genesis chapter 3**

*Now the serpent was the most cunning of all the beasts of the wild place which the Lord God had made.*

*And the serpent said to the woman, Did God really say, You cannot eat of all the trees of Paradise?*

*And the woman said unto the serpent, Of the fruit of the trees of Paradise we will eat, but of the fruit of the tree that which is in the midst of Paradise, God said: You shall not eat of it, neither shall you come near it, lest you die.*

*Then the serpent said to the woman: You shall not surely die. Cause God does know that the day in which you eat from it your eyes will be opened, and you shall be like gods, knowing the good and the evil...*

[this is a free translation from the Peshitta version of Aramaic – the original Aramaic text is in the section of Aramaic Texts].

Before starting the study, the following observations are valid, regarding some words in Aramaic that appear in the Peshitta:

1. tree (Aramaic: yilon / yilono) is a masculine noun;
2. serpent (Aramaic: hewyo) is a masculine noun

Some differences between Peshitta and Greek, Latin and other translations that derived from these, such as Portuguese and English:

1. Paradise (in Aramaic: **pardaisso**) is translated in the mentioned languages by “garden” – note that Paradise is a masculine proper noun while garden (in Aramaic: **ganto**) is a feminine common noun and could be any garden, but in the biblical text, **Paradise** is the **Paradise of Eden** (in Aramaic **Pardaisso daEden** and **Eden** means “of the moment”, “temporal”) and not just any garden.

2. In the last sentence of the serpent: “Cause God doth know that.....gods, knowing good and evil...”, in Aramaic it is explicitly written “**gods**” (plural) however, in the Greek translation and other languages “**gods**” became “**God**”.

The message underneath that text seems to be something simple, the human being cannot and must not aspire to be God, otherwise he will lose everything. Paradise (**Pardaisso**) is the aspiration of the human being, the return to Eden is what the human being wants, the very first happiness he felt when he was with God.

In addition to the message of faith and hope, what other facets does this story present to us? Are there ot

## ***The Tree of Life and the Serpent in the Bible***

(Continuação)

her messages, other underlying accounts that we need to discover to enrich our understanding and that of the main message?

Reading the story as a simple story, the first doubt that pops up is that there was a worship of gods and not just one God (“Cause God doth know that in the day you eat of it your eyes will be opened, and you shall be like gods, knowing good and evil...”).

A second point that seems to exist is the respect (or would it be worship?) for a special tree, the tree of good and evil, and to know good and evil is to have life; therefore, the Sumerians and Assyrians believed that the “**tree of life**” did really exist.

Finally, the thesis that there would be a cult of the serpent, had been presented a long time ago.

Perhaps it would be more simple to start with the second point, the belief that there really existed tree of life.

This has already been briefly analyzed in another edition of Suryoye (nr. 56 – October / 2012). In addition to the facts described in that edition of Suryoye, the tree of life appears on vases offered by Sumerian and Assyrian (Akkadian) kings. The Sumerians were indigenous peoples of southern Mesopotamia and the Assyrians (Akkadians) were indigenous peoples of northern Mesopotamia. These people were the nomads who arrived there and settled around eight or nine thousand years BC. When humanity begins to write, that is, when the period known as history begins, around four thousand BC. the first people to present a writing are the Sumerians with the writing of images or ideographic (the Egyptians later copied the model and today this writing is known as hieroglyphics) which later evolved into the writing of ideograms known as cuneiform and this was later adopted by the people of the north, the Assyrians, and from there it went on to the rest of the Near and Middle East. The Egyptians stuck to the hieroglyphics until Alexander of Macedonia arrived and then they adopted the Greek alphabet which was derived from Phoenician which in turn was adapted from cuneiform.

The Sumerians write down their mythologies and biographies of heroes such as Gilgamesh and the Assyrians adapt such mythologies and epic stories to their way of seeing the world.

Almost three thousand years later (around 650 BC), an Assyrian king, Ashurbanipal II, whose rule spanned from North Africa and the entire Near and Middle East to present-day Western Afghanistan, collected the ancient Sumerian and Assyrian writings in his library at Nineveh (near the present-day city of Mosul in Iraq), among them the Epic of Gilgamesh.

In the Sumerian language, the tree of life was called: “**gish zida**” or “good tree” (**gish** = tree is masculine; **zida** = good). The oldest literary and religious reference to the myth of the tree of life is in the epic poem of Gilgamesh, when the hero and demigod Gilgamesh travels searching for it in order to resurrect his friend Enkidu who had died.

After the fall of the Assyrian Empire in 606 BC, there was no re-editing of the Gilgamesh account in any language. The story, however, continued to circulate in different ways among the population of Northern Mesopotamia (Tur Abdin and Hikiari) who did convert from “paganism” to Christianity and in the 20<sup>th</sup> century some passages of that myth appeared in Aramaic, the most famous of which were by Prof. Abed da Meshiho Kahrabashi and Prof. Denho Ghatass Maqdassi Elias; the latter wrote sparse poems while the former recounts the legend in prose. On the other hand Prof. Abrohom G. Sowmy rewrote the entire epic of Gilgamesh, in octosyllabic (8 syllables) and enneasyllabic (9 syllables) verses, in which the caesura is dually set according to the eastern tradition, based on the accounts he heard from the generation of his masters who came before him and thus, brought back to life the possibility of a better understanding and the origin of several chapters of the Ancient Testament of the Bible that we will see in other editions,

*(to be continued in next issue - Suryoye nr 114)*

## *The Tree of Life and the Serpent in the Bible*

### References:

*Jastrow*, M. and *Clay*, A.T. - *An Old Babylonian version of the Gilgamesh Epic* - Yale University, 1920. USA.

*Elias*, Denho Ghatass M. - *Bugone* - Sidawi Printig House. 1994. Aleppo – Syria

*Sowmy*, Ibrahim G.- *Mardutho dSuryoye: Evolução Cultural dos Povos Assírio -Arameos do Oriente* – Vol. II. 1980. São Paulo – Brazil

[*Bugone* and *Mardutho dSuryoye* were both written in Brazil albeit in Aramaic. *Bugone* was distributed by Mardin House in Aleppo and *Mardutho dSuryoye* was distributed by the author himself].



